

Carta a todo mundo: um diálogo com a exposição “A terra, o fogo, a água e os ventos – por um museu da errância com Édouard Glissant”

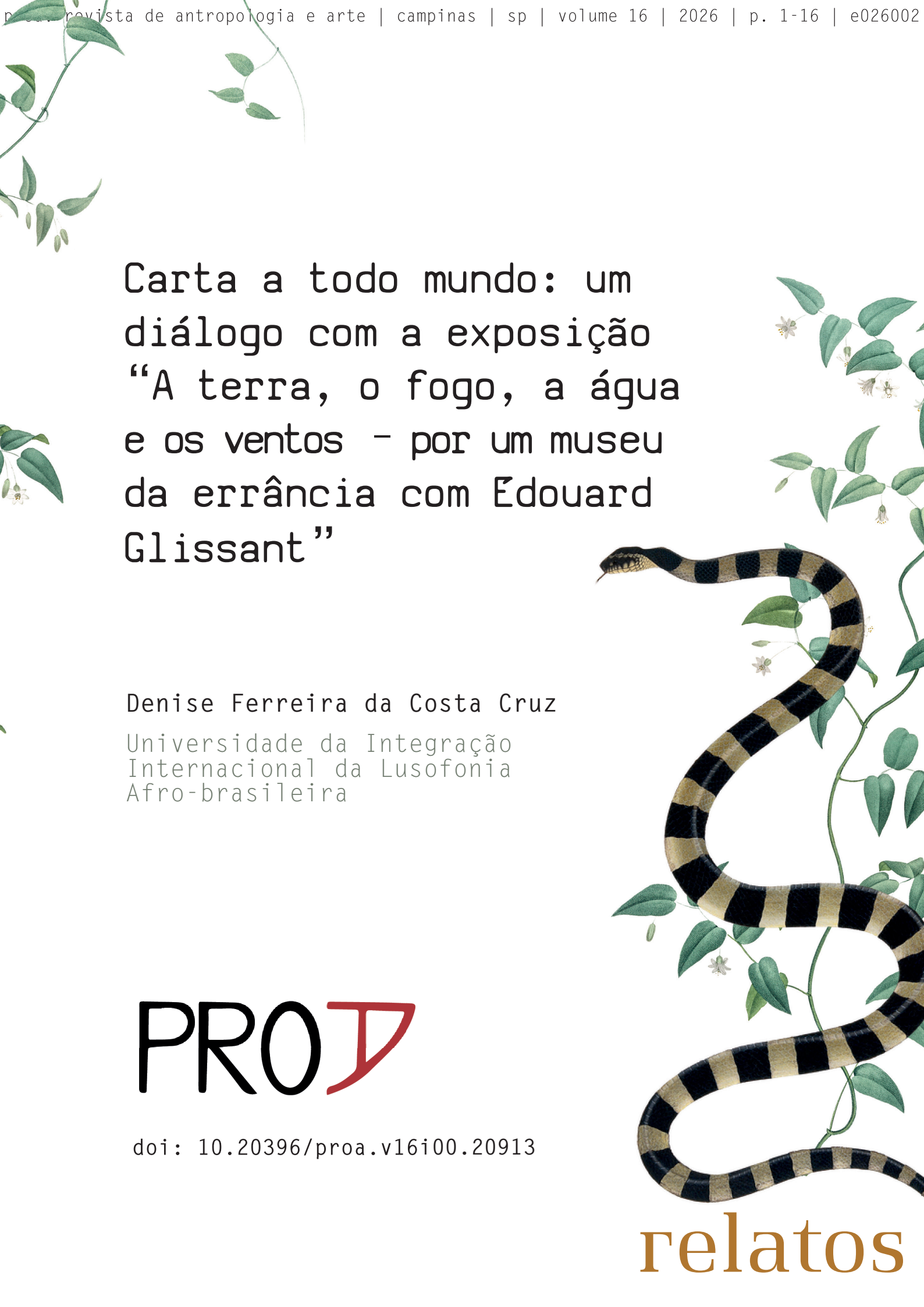
Denise Ferreira da Costa Cruz

Universidade da Integração
Internacional da Lusofonia
Afro-brasileira

PROA

doi: 10.20396/proa.v16i00.20913

relatos



Carta a todo mundo: um diálogo com a exposição “A terra, o fogo, a água e os ventos – por um museu da errância com Édouard Glissant”

Denise Ferreira da Costa Cruz

 <https://orcid.org/0000-0001-6249-8041>

> denisecruz@unilab.edu.br

Doutora em Antropologia Social

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira

Tudo começou com uma viagem despretensiosa de férias para Bangkok em setembro de 2025. Ia encontrar amigos recém-conhecidos e não sabia muito o que me esperava. Era a viagem mais distante que eu havia feito. Nunca imaginei pisar em um país asiático. Mas uma antropóloga nunca descansa como tal. E nossos pensamentos nos levam a reflexões antropológicas o tempo todo. Nosso “botão” não desliga. Estar em um lugar onde a comunicação ultrapassava o verbal, onde a gestualidade comunicava e o inglês não era recorrente, me fez perceber que conseguimos ir longe, muito longe, com desejo de falar para além da boca. O mundo pareceu se abrir para além do Atlântico. Até então eu conhecia a Argentina (Córdoba), Chile (Santiago, Valparaíso), Moçambique (Maputo, Inhambane), África do Sul (Johannesburgo, Pretória), França (Paris), Inglaterra (Londres), Portugal (Vila Real, Porto), Senegal (Dacar). Todas as viagens proporcionadas por atividades acadêmicas, exceto a viagem para o Chile, que fui com meu ex-marido, seu pai e esposa. Esse mundo por onde gira o Atlântico já aparecia para mim extremamente instigante e o desejo de viajar sempre crescia em mim. Mas Bangkok me colocou em contato com outro mundo que, embora globalizado, apresentava outros gostos, outra gestualidade, outros ritos. Foram apenas treze dias, mas o fascínio por esse mundo asiático me surpreendeu positivamente. Eu conhecia a comida tailandesa das Américas e Áfricas, mas comê-la por lá era sentir a queimação da pimenta no estômago e a complexidade dos temperos. Surpreendeu-me especialmente o porco adocicado, que não era agri-doce, mas doce e apenas doce. Escolher o peixe no aquário para depois comê-lo também foi bastante diferente do que eu estava acostumada. O rodízio do churrasco que nós mesmos fazíamos em uma grelha foi lúdico e saboroso. Na sequência da viagem a Bangkok estive em São Paulo para participar de uma mesa na USP em um evento de Antropologia negra organizado pela professora Silvana Nascimento e em Campinas para um Colóquio na 49ª.

Reunião da ANPOCS. Durante a estadia em São Paulo visitei a exposição “A terra, o fogo, a água e os ventos – por um museu da errância com Édouard Glissant” e comprei o catálogo da mesma. No retorno para casa li o catálogo que me fez entrar em contato com a ideia de utopias de “todo mundo” que seria “um lugar de troca no qual as pessoas pudessem acompanhar-se mutuamente, seguindo as linhas do vento do mundo, encontrando-se em seus pontos de tremor – o que ele (Glissant) chamava de “um lugar comum”, onde pensamentos do mundo encontram outros pensamentos do mundo”. Achei aquilo demasiadamente excitante e pensei que, embora eu tenha adormecido o lugar de Guattari e Deleuze em minha vida, a ideia da relação e da abertura para o mundo me parecia contemplar depois dessa viagem a Bangkok.

O presente texto, em forma epistolar, é um conjunto de pequenas cartas a meus amigos cujas lembranças emergiram com a leitura do catálogo da mostra. Quero com elas pensar como mundos encontram mundos que estão conectados mesmo que não nos desloquemos no espaço.

Mário Magno e Agustín Cárdenas

Querido Mário Magno,

Você que sempre me apresenta para todos como sua “eterna orientadora”, saiba que você me orienta nesse mundão de deus. Lembro do presente que você trouxe para mim de Cuba e quando vi a escultura de Agustín Cárdenas, lembrei imediatamente de você. Curiosamente a escultura presente no catálogo da exposição aqui mencionada apresenta silhuetas que lembram portais. Considero que sejamos um portal um para o outro. Aprendemos sobre nós enquanto pessoas pretas em Sankofa, onde o meu tempo presente encontra com o seu. Suas descrições da sua primeira viagem a Cuba foram fascinantes para mim. Guardo especialmente o relato sobre a dificuldade em conseguir instalar a internet e a forma como essa dificuldade se dissipou quando souberam que você era brasileiro. Eu gosto muito de saber a forma como somos lidos mundo afora. Eu sempre falo para meus alunos que fazer Antropologia é se deslocar. Seja um deslocamento físico, simbólico, teórico ou de espírito. Para muitos deles que atravessaram o Atlântico, esse deslocamento implica muitas abdições e abertura para o novo. A aposta aqui é que deslocar nos transforma. Sempre. Escrevo como convite para que conheça as obras desse artista e depois me diga as impressões. A mim, em particular, fiquei com vontade de apertar a escultura. Quem sabe morder. O fato é que o tátil é algo que essa imagem provocou em mim. Tatear o mundo em uma viagem ao Egito seria fascinante com você.

Um forte abraço da sua “eterna orientadora” e eterna aprendiz.

D

Flora Gonçalves e Aislan Pankararu

Querida Florinha,

Somos amigas há tantos anos (22!) e mudamos tanto. Mas ainda lhe reconheço quando você trabalha com os Patachoop e desenha um tehey tão significativo. Cada uma daquelas imagens desenhadas me lembrou que sempre desenhamos em nossos cadernos de graduação. E que você os coloria. Aquilo que aos olhos de alguns colegas parecia infantil ou naif para nós era algo lúdico para aguentarmos o peso das cobranças que nos faziam. Quem diria que você estaria em uma instituição médica e cheia de biólogos. Por isso, quando vi a imagem de Aislan Pankararu, lembrei imediatamente de ti. Aquele tapete gigante com imagens que lembram coisas vistas ao microscópio são um convite a pensar em nossa pequenez. Talvez sempre soubéssemos disso. Talvez essa fosse nossa única certeza. Que daqui a dez anos tenhamos mais histórias bonitas para contar uma para a outra. E que as contemos mais ao vivo e não por whatsapp.

Com amor,

D

Rogério Brittes e Amoedas Wani & Patrice Alexandre

Querido Roger,

Não consegui não pensar em ti quando vi essa obra de Amoedas Wani e Patrice Alexandre. Confesso que tudo que sei sobre marronage eu li no livro de Touan Bonan, “Cosmopoéticas do refúgio”. Ou seja, muito pouco ou nada. Quem me indicou esse livro foi a minha amiga dançarina Luzia, professora da UFC. Ela por sua vez ficou sabendo desse livro graças à indicação da Leda Maria Martins. O Suriname é para mim uma grande incógnita. Escrever essa carta me fez pensar que precisamos beber e falar mais dessa terra. Quero saber de tudo. Me conta como chegou até lá, por quê, e o que respirou, bebeu e comeu por ali. O mundo tem me interessado cada vez mais. Agora que pareço que sei bastante sobre mim. Dediquei quase doze anos de leituras sobre a diáspora africana nas Américas e tudo o que me dizia respeito e me foi arrancado. Agora o mundo se abre e Glissant parece fazer sentido. Achei essas xilogravuras bonitas. Você trouxe alguma arte de lá? Escrevendo percebi que nos conhecemos pouco ainda e que talvez você deva fazer uma viagem a Fortaleza.

Com amor,

D

Daniel Baptista e Chang Yuchen

Querido Dani,

Óbvio que uma obra chinesa me faria lembrar de ti. Eu achei de uma delicadeza o trabalho de tradução de uma língua que não tem escrita para o inglês e para o chinês. Quanta preciosidade que só a arte pode nos proporcionar! Considero que você deva trabalhar com as imagens. Imagens que temos sobre a China e sobre a população negra brasileira. E como isso que chamamos de “blasians” desafiam imagens estáticas sobre identidades que nos paralisam e não nos permitem enxergar outras coisas, outros mundos. Obrigada por entrar em minha vida em um período que de maneira inusitada visitei um país da Ásia. Acredito muito que as coisas não acontecem por acaso e sua presença apenas confirma essa impressão. Nossas conversas soam como um arejamento que vai também arejar os estudos raciais. Embora para mim esteja muito claro que nossa batalha ainda se dê contra o eurocentrismo. Ainda hoje. Uma pena. Venha aqui em casa para conversarmos mais.

Com amor,

D

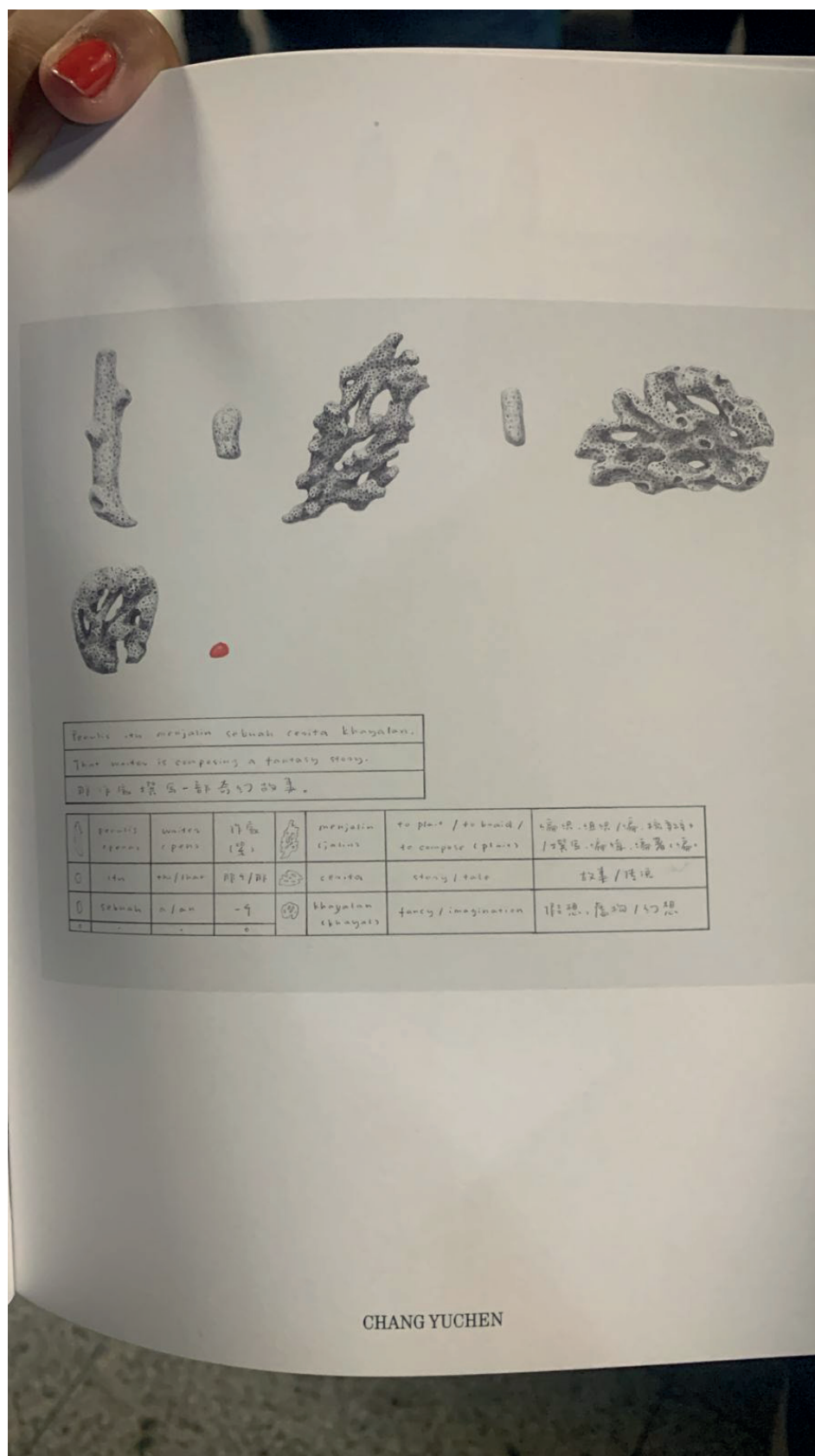


Figura 4 - Foto do catálogo, obra de Chang Yuchen.



Figura 5 - Foto do catálogo, obra de Rebeca Carapiá.

Ricardo Caldeira, Anderson Barreto e Tarik Kiswanson

Queridos bubis,

a gente se conhece há anos. Em pensar que nos conhecemos virtualmente mais do que presencialmente. O mundo mudou. Lembrei demais de vocês ao ver a obra de Tarik Kiswanson Esse ovo frágil em cima de uma cadeira certamente teria sido produzido por nós se terminássemos nosso livro. Eu já entendi que esse é um livro suspenso e para mim está tudo bem não o concluir nunca. O que deve acabar? Mas olha que interessante. Essa obra fala de deslocamento. De exílio. De uma criança que não sabe escrever uma língua totalmente estranha ao país onde fora alfabetizada. E isso fala de nós. Sobre nossas alfabetizações dessa língua que não aceitamos que seja falada da mesma forma que se fala no norte do mundo. Falamos tanto disso, não é bubus? Falamos de tantas coisas. Simplesmente falamos porque nossa companhia é fundamental para nossos dias parados. E nossas falas nos dão algum movimento. Vento. Veja o nome da exposição: “a terra, o fogo, a água e o vento”. Que possamos ser sempre vendaval e sopro. Que sempre nos tenhamos.

Com amor,

D

